

A CIDADE DE HIPÓCRATES ENTRE CLIO E MNEMÓSINE: HISTORIANDO VOZES DE MIGRANTES DA SAÚDE NO TEMPO PRESENTE.

Fagno da Silva, SOARES

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia IFMA/Burititupu, e-mail: fagno@ifma.edu.br

RESUMO

A pesquisa objetiva contribuir para o alargamento do conjunto de estudos e reflexões historiográficas a partir da análise da realidade cotidiana nas pensões de Teresina no tempo presente no sentido de perscrutar quais os motivos que elevaram a cidade de Teresina à condição referencial da saúde pública no nordeste brasileiro. Radiografando algumas das várias cidades que serão visualizadas, privilegiando o estudo problematizado do cotidiano sob a trílice articulação entre história, cidade e memória, enquanto elementos formadores do imaginário urbano e de memórias que permitirá uma reflexão histórica do espaço urbano como um lugar de significação social e cultural através da sobreposição analógica das várias cidades enquanto espaço de construção permanente de cultura e história. Nessa perspectiva, a pesquisa em ‘andamento’ esboçará um painel que se desdobrará sob uma visão crítica, instigante das vozes inaudíveis nos pensionatos da capital propondo possíveis caminhos de reflexão e aprofundamento a estudos futuros, convertendo-se em um exercício de interconexões filigranadas entre história, cidade, e tempo presente através da história oral temática híbrida.

Palavras-chave: história oral, memória, tempo presente.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa *A Cidade de Hipócrates entre Clio e Mnemósine: historiando vozes de migrantes da saúde no tempo presente* pretende radiografar as várias cidades que foram visualizadas a partir de relatos do espaço urbano de Teresina sob olhares forasteiros, através da sobreposição analógica da cidade visível e invisível; da cidade hospitaleira e hostil; da cidade-saúde e cidade-enferma; da cidade antiga e moderna; da cidade-capital e cidade-provincial; da cidade quanto espaço de construção permanente de cultura e história.

Propõe-se a recomposição do mosaico histórico entre os modos de pensar, ver e sentir a capital piauiense, quanto aos quadros imagéticos do cotidiano social, delineada pelas práticas de convivência social nos pensionatos no centro urbano da capital a partir de relatos orais dos “teresinos”¹, destacando-se os relatos de experiências em diferentes dimensões e temporalidades com o intento de revelar aspectos sociais, econômicos, culturais, ideológicos e também geográficos presentes no cotidiano daqueles que entendem Teresina como o ‘eldorado’ da medicina no nordeste brasileiro. Enfatizando características peculiares deste fenômeno sócio-econômico e cultural, referendado por estudiosos da literatura encontrada, suscitando assim, alguns questionamentos acerca dessa realidade, e propondo possíveis caminhos de reflexão e aprofundamento.

¹ O vocábulo é na verdade um neologismo, utilizado na pesquisa para designar todos os migrantes da saúde da cidade de Teresina.

Nessa perspectiva, objetiva-se esboçar um painel que se desdobrará sob uma visão crítica, instigante dos quereres, práticas e discursos nos pensionatos de Teresina do ontem e do hoje, propondo o despertar daqueles que, por algum motivo, venha tê-lo como referencial de estudo e reflexão. Acredita-se poder convertê-lo em um exercício de interconexões filigranadas entre a história, cidade e memória com o intento de reconstruir através da história oral temática o imaginário urbano de Teresina segundo o testemunho dos “teresinos” entre Clio (musa da história) e Mnemósine (musa da memória). Contudo, a presente pesquisa aponta para a compreensão da realidade histórica fundada na oralidade do tempo presente e memória rompendo com a cultura positivista documental, valorizando o diálogo, a inter-oralidade e a relação entre pesquisador/entrevistados.

Tomadas as pensões de Teresina como espaços de experiências sociais com significações próprias que (des)controem diariamente os signos do entendimento urbano da capital sob múltiplos olhares forasteiros, a partir do estudo problematizado do cotidiano e suas relações as pensões da cidade, sob a tríplice articulação entre história, memória e cidade que permitiu uma reflexão histórica do espaço urbano como um lugar de significação social e cultural forjados na dialogicidade inquietante e interpretações problematizadoras produzida por teóricos da área. Conforme veremos no decurso do texto ora apresentado, embora diversas vezes explorada esta temática, existem lacunas de obras historiográficas, direcionadas para o enfoque proposto, tornando-o relevante na tentativa de supri-las. Os aportes teóricos e metodológicos constituem precisamente a contribuição da pesquisa proposta. Sem ineditismo, mas, percebido através de uma análise alheia a paixões e sentimentalismos que impediriam a clareza na pesquisa.

A pesquisa proposta possui relevância científica e acadêmica por associar-se as pesquisas da CONNEPI 2010, promovendo análises e reflexões no âmbito dos aportes teóricos e metodológicos da historiografia contemporânea. Conforme D’Assunção “[...] quebrar o isolamento de uma pesquisa interligando-a potencialmente a outras é sempre promissor, pois é inegável que o diálogo acadêmico tende a enriquecer qualquer objeto de estudo” (2005, p. 72.).

A literatura levantada somada à prática e aos depoimentos colhidos apontaram um considerável índice de migração temporária de várias cidades do nordeste brasileiro em busca de uma saúde pública e privada de qualidade, fato este que motivou a pesquisa. Outra motivação que norteou a opção por essa temática foi a plausível tarefa de investigar uma das inquietações pessoais mais correntes, somada aos seguintes fatores: a relevância acadêmica e social da proposta de análise do tema, a viabilidade (fontes acessíveis) e certa originalidade (conexões teóricas) metodológica. Deleitar-se em uma pesquisa afirma Barros (Idem, 2004 p. 9) “[...] é partir para uma viagem instigante e desafiadora”. Para a realização desta pesquisa fez-se um levantamento bibliográfico para a fundamentação teórica verificando todo o estado da arte disponível. A pesquisa é qualitativa dada a sua perspectiva analítica nos processos de transcrição, textualização e transcrição dos depoimentos somados aos relatos do caderno de campo (diário de pesquisa). Vários foram os métodos de pesquisa utilizados, os mesmos estão especificados seguidamente.

Quanto ao objeto estudado, dimensão e domínio histórico, a pesquisa é histórico-bibliográfica e de campo, pois seguirá o viés dos teóricos da dimensão em história social e cultural com o campo de observação ancorado no domínio histórico urbano-marginal com relação ao ambiente social e/ou objeto de estudo, aos agentes históricos analisados, enfatizando a história da vida pública fazendo interfaces com a vida privada à luz historicidade regional.

Quanto ao recorte espaço-temporal e método da pesquisa, a pesquisa tem como ponto de partida a vertente empírica na coleta de depoimentos associada às percepções do pesquisador, objetivando não só codificar o lado mensurável da realidade, mas a possível intervenção reflexiva na realidade sócio-cultural há ser pesquisada, sob o ditame da pesquisa-ação pesquisador/pesquisados versus objeto de estudo. Tendo como recorte espacial as pensões de Teresina e sua temporalidade ancorada no limiar do século XXI. O método adotado é o crítico dialético sob a abordagem da história oral, onde resgataremos os depoimentos dos pensionistas no período de junho de 2006 a março de 2009.

Quanto ao universo, amostragem e análise dos dados, o universo pesquisado é composto pelos pensionistas do centro urbano da cidade de Teresina no período de 2006 a 2009. Já a amostra foi composta por 06 colaboradores, dentre eles os “teresinos” e seus acompanhantes e familiares, além dos donos de pensões e outros que foram e serão escolhidos aleatoriamente (MEIHY, 2005, p. 177). Após as entrevistas (em andamento) far-se-á análise dos resultados, os dados obtidos a partir do corpus documental dos depoimentos, ao término da pesquisa serão tratados qualitativamente.

2 HISTÓRIA ORAL E O ELDORADO DE HIPOCRÁTES ENTRE CLIO E MNEMÓSINE

A historiadora cultural Sandra Pesavento em importante obra evidencia a serena fisionomia de Clio, a musa da história com o estilete da escrita e a trombeta da fama, sendo a filha diletta entre as musas, mnemósine enquanto detentora da memória gerou a própria história. A história cultural corresponde, hoje, a cerca de 80% da produção historiográfica nacional, expressa não só nas publicações especializadas, sob forma de livros e artigos científicos. A historiografia brasileira segue a mudança de olhar de Clio atenta as questões culturais. Uma espécie de *crème de la crème* dos historiadores.

É de domínio do historiador oral a importância dos “apoios de memória”, como fotos, objetos e outras coisas que podem ajudar na reconstituição do passado e que os lapsos de memória são menos preocupantes que as omissões da história “oficial”. Outro aspecto bem marcante da oralidade é a sobrecarga de subjetividade, que em tese, deve ser levada em consideração. Pois somos sujeitos e objetos no âmbito da pesquisa, sujeito ao questionar, problematizar e objeto ao ouvir e registrar. Muitos pesquisadores ainda acreditam que os documentos escritos são “mais confiáveis” do que as fontes orais, mas corriqueiramente tais documentos não passam de transmissões de relatos orais e ainda são escritos por homens, sendo susceptível às mesmas ‘falhas’. Segundo o historiógrafo inglês Edward Carr,

nenhum documento pode nos dizer mais do que aquilo que o autor pensava – o que ele pensava que havia acontecido, queria que os outros pensassem que ele pensava, ou mesmo

apenas o que ele próprio pensava pensar. Nada disso significa alguma coisa, até que o historiador trabalhe sobre esse material e decifre-o. (HUGHES, 2002, p. 43-44)

Logo, os documentos escritos têm os mesmos problemas que as fontes orais, podendo estas ser tão fidedignas quanto qualquer documento escrito. A história oral é inovadora por seus objetos com atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e os marginalizados e excluídos da história, à história do cotidiano e vida privada numa perspectiva micro-histórica. É sabido que, tal como a documentação escrita tem que seus lapsos, falseamentos, polifonias e entrelinhas, a oralidade também possui imprecisões. Porém, a história oral “[...] tem ocupado a maior parte da prática historiográfica [...]” (Idem, 2004, p. 133).

Rompendo com a ditadura positivista do documento, qualquer texto pode ser considerado uma fonte para o historiador do século XXI, como afirma o historiador Barros ao dizer que

[...] o diário de uma jovem desconhecida, uma obra de alta literatura ou da literatura de cordel, as atas de reunião de clube, as notícias de jornal, as propagandas de uma revista, as letras de música, ou até mesmo uma simples receita de bolo [...] (Idem, 2004, p. 134).

Não há mais limites de fontes para os novos historiadores, pois os diferentes documentos levam-os diretamente ao contato com o problema a ser investigado. Atentemos a enfática afirmação de Nora no tocante a história e memória para quem “[...] a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais [...]” e “[...] memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...]” (NORA, 1998, p. 9).

Para tanto, preocupar-se com o resgate e preservação da memória é no mínimo salutar em tempos que parece sucumbi-la, torna-se justificável o afã dos historiadores, em reconstruir, problematizar e preservar histórias e memórias. O historiador medievalista LE GOFF (1994, p.47) afirma que a função do historiador com a “[...] memória é para libertação [...]”. Portanto, o historiador de abordagem oral desempenha na sociedade um papel peculiar de “[...] impedir que a história seja somente história” (Idem, 1994.p.47).

Lidar com a oralidade de pessoas que vivenciam e/ou vivenciaram o cotidiano dos pensionatos, como nos situa Déa Fenelon é possibilitar “a valorização da memória [...] trazer à tona outras histórias e outros olhares sobre o passado” (2000, p. 07). É preciso dispor de vários relatos que permita cruzá-los “testis unus, testis nullus” [uma única testemunha não é uma testemunha]. Para se compreender as múltiplas ações e reações das relações de convivências dos momentos por eles vividos. Esmiuçaremos embora que superficialmente, os conceitos de história oral e tempo presente, memória, e espaço urbano vivido, ocupado pelos atores sociais envolvidos, elucidando quereres, fazeres e discursos individualizados e coletivizados dos “teresinos” e outros que se fizerem necessários como suas histórias e memória, formando um caleidoscópio imagético de Teresina.

Para Bom Meihy a história oral “é uma prática de apreensão de narrativas [...]” que objetiva “[...] promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato”.

(MEIHY p.17, 2005.). A história oral está para o tempo presente assim como o marxismo está para os excluídos dando voz aos silenciados e evidenciando os esquecidos da história. Para Etienne François a história oral privilegia o “[...] cotidiano e a vida privada [...]” valorizar a historicidade local e regional da “[...] história vista de baixo [...]”, ou seja, das “[...] visões subjetivas [...]” numa perspectiva decididamente micro-histórica.” (FERREIRA, AMADO, p. 4, 2001).

Toda memória individual corresponde à parte da coletiva, Halbwachs também, considera a memória individual como coletiva tangenciada pela sua temporalidade, espacialidade e interação, “[...] Pois cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 46).

No Brasil a obra Domínios da história organizada pelos historiadores Ciro Flamarion e Ronaldo Vainfas (1997) evidencia um panorama atualizado da pesquisa histórica brasileira mapeando os territórios dos historiadores, os campos de investigação, as linhas e instrumentos de pesquisa. Outra obra de igual valor é de Ecléa Bosi na obra Memória e sociedade: lembrança de velhos (1987) traça a luz da psicologia do oprimido relatos marcantes da história de idosos, relacionando relatos e estabelecendo conexões com o tempo presente. Nesse contexto, o historiador-entrevistador da memória remete-se a fragmentos de lembranças individuais de modo a inter-oralizar (confrontar) os depoimentos, tendo em vista a coletivizar o individualizado, estabelecendo uma legítima relação como o tempo presente, uma vez que lembrar não é reviver, mas rever (revisitar com olhos do presente) o passado para compreendê-lo. Ecléa Bosi como tal, afirma que

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado [...]. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítido que nos pareça de um fato antigo, ele não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor (1987, p. 21).

Com relação à coletivização dos recortes de memória individual e sua contemporaneidade, a historiadora Maria do Amparo afirma que a

[...] memória não é apenas nossa, ela é um somatório de lembranças de várias pessoas que fizeram parte da nossa história. As lembranças são individuais, pois para cada pessoa fica marcado o significado de acontecimentos experimentados coletivamente. As lembranças do passado não permanecem inertes no tempo, mas vão se reconstruindo a partir das representações do presente. Pode-se mesmo dizer que a memória é dinâmica, ela é recriada por novos acontecimentos ou por novas lembranças que são agregadas àquelas do passado que são (re) elaboradas pelas vivências do presente. Portanto, passado e presente se fundem, se confundem, se agregam, pois a memória não conhece passado, mas é sempre presente (2006, p. 20-21).

3 CALEIDOSCÓPIO CITADINO: REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS DA CIDADE

Entende-se, portanto que a cidade é um espaço de vivências com entrelace de experiências, necessidades, pensamentos, anseios e imagens, formulando um complexo espectro onde se articulam querer, fazer e discursos. Teóricos como Fustel de Coulanges, George Simmel, Max Weber e o brasileiro José Murilo de Carvalho lançaram-se na empreitada de melhor compreender os ‘espaços urbanos’ em suas representatividades, permanências, revoltas e mudanças e a própria história.

A cidade de Teresina figura entre um dos mais modernos centros médicos do país, tornando-se um verdadeiro Eldorado da medicina no nordeste do Brasil, com suas representações, relatos, identidade, práticas e seus atores sociais, elucidantes da construção imagética da memória da cidade delineada pela interação teresinos/Teresina. Portanto, “[...] cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade [...] preenchida pelas cidades particulares” (CALVINO, 1995, p. 32).

Enfatizando o espectro da cidade-saúde com suas construções e desconstruções, com suas espacialidades e temporalidades próprias, a cidade de Teresina é um complexo emaranhado de encontros e desencontros de suas múltiplas cidades na visão de seus cidadãos e forasteiros. Portanto, “[...] as várias cidades que se cruzaram nessa perspectiva possibilitaram significativas contribuições para a revelação de um corpus de conhecimento sobre Teresina” (BRANDIM, 2006, p. 159.). Contudo “a cidade nunca deve surgir apenas como um conceito urbanístico ou político, mas sempre encarada como lugar da pluralidade e da diferença”. Mas como (des)construção o permanente das vivências sociais (Idem, 2000, p. 07).

A construção de uma cidade-capital e também provinciana com funcionalidade e recordações vivas escritas em suas ruas, becos, avenidas, casas, pensões e hospitais no visível e no invisível, no “citarulho” e no silêncio, são recortes que recompõe o mosaico painel de lembranças da cidade invisível aos nossos olhos. Aventar-se-á no propósito de conhecer a imaterialidade simbólica do universo urbano de Teresina a partir das vivências de ilustres forasteiros que dela buscam a saúde. Tal como segue a fala da Sr^a. M. dos S. Silveira (2006) “[...] eu vim do Ceará, com meu filho, para fazer tratamento, porque, eu sempre ouvi falar que os médicos daqui [Teresina] são os melhores e o tratamento é mais barato.”

3.1 Ecos da Cítara de Orfeu guiada por Hipócrates

Os depoentes desnudaram a cidade com um discurso salvacionista de saúde de que fora guiados pelos ecos de cítara de Orfeu em busca da saúde, ecoa as virtudes da saúde teresinense em quase todo o nordeste oriental brasileiro e sudoeste paraense. Orfeu é um personagem da mitologia grega. Orfeu é filho da ninfa Calíope e do deus Apolo, associado à poesia e à música. De sua lira e de sua melodiosa voz ecoam sons capazes de inebriar e encantar mortais e imortais.

A cidade de Teresina estará sempre sob seu próprio reflexo ao som da lira cítara de Orfeu, do que é, e do que se mostra ser, para além do espelho e do olhar do outro, um pólo da médica, ou pelo menos uma centro de referência na saúde no nordeste do Brasil. Cidade tomada por hospitais, clínicas, pensões, médicos, estudantes de medicina e nômades em busca do eldorado de Hipócrates formando um caleidoscópio citadino nos frementes dias de verão da ‘cidade verde’, da ‘cidade quente’. A historiadora Brandim finaliza seu trabalho dissertativo afirmando

A incredulidade no serviço público de saúde em suas respectivas regiões e municípios circunvizinhos, bem como o número expressivo de profissionais da saúde, quer graduando-se, quer clinicando fazem de Teresina, o eldorado da medicina no nordeste oriental brasileiro. Verdadeiro complexo de hospitais, clínicas, laboratórios e profissionais diversos dedicados à saúde curativa mais do que preventiva. Ouçamos com os ‘ouvidos do ver’ a fala da jovem L. M. de Sousa,

[...] sou de Marabá no Estado do Pará, e vim para cá porque os médicos de Belém deram o diagnóstico dizendo que eu tinha leucemia e não havia mais tratamento pra mim, a minha avó, já foi curada de câncer no útero aqui em Teresina. Minha família não acredita nos médicos de lá. Os médicos daqui são os melhores do Brasil (SOUSA, 2006).

Cada depoente constrói em suas falas um quadro imagético mistificador da cidade de Teresina, narrando suas experiências, verdadeiras “odisséias” em busca da cura para suas enfermidades, a partir da imagem que se tem da cidade influenciada pela cultura existente já ossificada que somente os diagnósticos e os tratamentos médicos da cidade de Teresina é que são legítimos, colocando em dúvida a atuação de outros profissionais da saúde de seus municípios e regiões.

Atentemos a ligeira descrição da idéia de pertencimento a ‘cidade’ do Sr.º J. N. Ribeiro,

[...] Teresina agora é minha cidade, cheia de árvores, ruas limpas, prédios bonitos, um povo acolhedor [...] vim de São Luís do Maranhão, fazer tratamento na próstata porque fui ‘desenganado’ pelos médicos de lá. Já estou quase curado, venho quase todos os meses aqui. [...] durante esse tempo fiz amizade como o pessoal da pensão seu Raimundo e dona Marisa e com alguns funcionários do hospital (RIBEIRO, 2006).

O cotidiano dos ‘teresinos da saúde’ no novo espaço sócio-cultural inserido, na capital, em especial ao espaço físico-social das pensões e dos hospitais compõe os novos “lugares de memória” (NORA, 1993) dos atores sociais envolvidos nessa trama citadina. Os atores sociais que compõe a nova rede de contatos e ciclos de amizade serão determinantes para a memória deste enredo nem sempre com final feliz, afinal a sociedade é como um teatro vivo com seus dramas, comédias e tragédias, resignificados a cada rememoração que trarão à tona as ruas, pensões, hospitais, corredores e macas que compuseram o cenário deste teatro de memórias.

A cidade é um organismo vivo, mutável que nasce, cresce, envelhece e morre no imaginário de seus visitantes como as múltiplas cidades visualizadas nos discursos dos ‘teresinos’ como lugares de significação social, tantas vezes visível e invisível aos olhos; da saúde e da enfermidade; com ares

de capital, mas provinciana; da cidade quanto espaço de construção permanente de histórias e culturas.

O entrevistado Sr. JB Gomes traça uma radiografia pautada na sua oralidade com diferentes olhares e discursos sobre o universo urbano de Teresina como modo de ver e sentir a cidade enquanto espaço de resignificação social de caráter permanentemente mutável. O colaborador Sr. JB relata a seguir sua primeira impressão da cidade, ou seja, o pré-conceito que logo foi mudando conforme ele emaranhava-se a cidade.

Quando cheguei aqui em Teresina logo percebi que não era uma capital tão rica e bonita como é Fortaleza, minha terra. [...] Mas foram nas primeiras semanas que identifiquei a verdadeira riqueza desta terra cheia de contrastes [...] Olho Teresina como um moribundo em busca de abrigo e cura, tanto busquei que encontrei: abrigo, família e saúde [...] Não deixarem jamais esta terra que me recebeu de braços abertos, e me tem como filho como a quero como mãe, [risos] é assim que eu me sinto hoje. [...] Não podemos julgar as pessoas ou a cidade por um simples primeiro olhar, existe muito mais a ver do que os nossos olhos podem mostrar (GOMES, 2006).

Ao ser descortinada nos depoimentos, a cidade de Teresina reside no campo imagético da memória, enquanto representação do real, não necessariamente à própria realidade. Configura-se, portanto, em múltiplas cidades dependendo da concepção de mundo de seus idealizadores. Torna-se a cidade-Hipócrates, a cidade-provincial e capital muitas são as cidades que se formaram no imaginário dos depoentes tendo como fio conduto as representações da memória correlacionadas as imagens do presente. A historicidade teresinense está impregnada nas construções da cidade, refletem nos discursos dos depoentes que a tomam como sua, formando uma espécie de iluminura não religiosa da cidade a partir de fragmentos desconexos ou não, completos ou incompletos da memória. A cidade de Teresina é pensada como o eldorado da medicina no nordeste oriental brasileiro, mito ou realidade, depende da releitura que fazemos deste grande centro hospitalar.

Confere-se, portanto, que para além de uma técnica, a história oral prova-nos ser um excelente instrumento metodológico, criticada pela o uso da expressão “história oral”, dada a sua estreita e direta relação com o panteão da história do tempo presente, consolida-se a cada pesquisa que envolve a sua utilização em qualquer campo do saber, o status de cientificidade. A história do tempo presente por sua vez, perspectiva temporal por excelência da história oral, é legítima como objeto da pesquisa e da reflexão histórica (FERREIRA, 2001, p. xv).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, vários foram os fatores que tornaram a capital piauiense uma referência na saúde para os estados circunvizinhos tais como a criação do Curso de Medicina na Faculdade de Medicina do Piauí nos anos 60 e também a Universidade Federal do Piauí na mesma década e a construção do Hospital Getúlio Vargas que embrionou o ideário de que toda família teresinense deveria ter pelo menos um estudante de medicina, o que até hoje povoa o sentimento desejante. A historiadora Brandim finaliza seu trabalho dissertativo afirmando,

[...] que a cidade existe como materialidade e narrativa, necessitando escovar-se a contrapelo, para fazê-la falar, gritar, gemer, e, assim, produzir uma multiplicidade de sentidos, como esses que procuramos registrar com nossa lente e lupa de detetives da cidade. (Idem, 2006, p. 29).

Contudo, a presente pesquisa aponta para a compreensão da realidade histórica fundada na oralidade do tempo presente e memória rompendo com a cultura positivista documental, valorizando o diálogo, a inter-oralidade e a relação entre pesquisador/objeto de estudo. Lança sob a cidade múltiplos olhares atentos e pedintes de acolhida e cura, mas não são poucos os casos em que os ‘teresinos’ objetos de nosso estudo, foram usados pelos interesses eminentemente capitalistas de certos proprietários de pensão o que trouxe a tona uma outra discussão que gera nascentes conflitos de interesse o que não nos cabe aqui perscrutar. Como nem tudo é Zeus ou Hades, isto é Teresina, acolhedora e fria, mãe de muitos, às vezes madrasta de tantos, alheia a poucos, mas sempre aberta os que dela saúde buscam receber. Contudo, buscar-se-á evidenciar, a partir de fragmentos das memórias de alguns agentes sociais de como se tece a trama histórica em construção do cotidiano nos pensionatos da capital através da coleta, registro e elucidação das vozes e fatos necessários para a compreensão da realidade, que poderão ser retomados e aprofundados por outros estudiosos. Tal como nos diria o historiador Vainfas, no mais é “[...] percorrer os caminhos e descaminhos da história [...]”. (1997, p. 449).

REFERÊNCIAS

- BARROS, José D’Assunção. **O campo da história**. especialidades e abordagens. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. **O projeto de pesquisa em história**. da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BRANDIM, Ana Cristina M.Sousa. **Cotidiano, narratividade e representação na Teresina dos meados do século XX**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Departamento de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.
- BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. **História e repressão**: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o Regime Militar em Teresina. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Departamento de Ciências Humanas e Letras, UFPI, Teresina, 2006.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO Janaína. (orgs.) **Usos & abusos da história oral**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- FENELON Déa (Org.). **Cidades**. Pesquisa em História. São Paulo: PUC, dez. 2000.
- LE GOFF, Jacques. **Memória**. História e Memória. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1994.
- GOMES, **JB**. Depoimento concedido a Fagno da Silva Soares. Teresina, ago. 2006, fita nº 1, B.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice. 1990.
- HUGHES, Warrington Marnie. **50 grandes pensadores da história**. São Paulo: Contexto, 2002.
- NORA, Pierre. Entre **memória e história**: a problemática dos lugares. Revista Projeto História – História e Cultura. PUC-SP, n 17 1998.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5. ed. revis. e ampl. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- RIBEIRO, **João Nunes**. Depoimento concedido a Fagno da Silva Soares. Teresina, ago. 2006, fita nº 1, lado B.
- SILVEIRA, **M. S. dos Santos**. Depoimento concedido a Fagno da Silva Soares. Teresina, jun. 2006, fita nº 1, lado A.
- SOUSA, **L. M. de**. Depoimento concedido a Fagno da Silva Soares. Teresina, ago. 2006, fita nº 1, lado B.
- VAINFAS, Ronaldo. **Caminhos e descaminhos da história**. In: **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. CARDOSO, Ciro Flamarion/VAINFAS, Ronaldo (Org.). Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.